

# ***Heterotanatografia\****

**Juliano Garcia Pessanha**

Autor de *Sabedoria do nunca* e de *Ignorância do sempre*, ambos publicados pela Ateliê Editorial

*A desolação da terra pode ser acompanhada da obtenção do mais alto padrão de vida para o homem e, igualmente, da organização de um estado uniforme de felicidade para todos os homens. A desolação pode ser a mesma coisa nos dois casos, e assombrar do modo mais sinistro, a saber, ocultando-se. A desolação não é a mera destruição. A desolação é, na cadência máxima, o banimento da Mnemosyne.*  
(Heidegger)

## **Introdução**

### ***Esse-menino-aí***

*Meteoro incandescente na terra caído por desastre obscuro.* (Mallarmé)

Minha mãe se "apaixonou" pelo meu pai porque ele usava meia 3/4s e tinha uma "bolsa de fígado" para os EUA. Foram agenciados em um grupo de psicanálise nos anos 60, grupo dirigido por um homem chamado Marcos Piva. Quando este bebê chegou ao mundo, o primeiro rosto que ele encontrou fazia parte do minotauro gelado da objetivação. A entidade que estava no lugar de minha mãe estudava os livros indicados pelo referido senhor a fim de produzir um bebê são. Fui um bebê abordado pelo cálculo. Quando eu tinha 27 anos minha mãe contou-me, com bastante orgulho, como eu "fora um bebê amado": ela havia lido que aos 6 ou 7 meses não se podia deixar o bebê sozinho para ele não ficar esquizofrênico! Entrava no quarto e, indo até o berço, esboçava um sorriso, isto é, de tempo em tempo ia até o meu lugar na cela e imitava o gesto facial de um sorriso. Penso que esta experiência foi decisiva para minha vida futura. Uma vida que sempre quis escapar da superfície iluminada do mundo administrado para poder encontrar a consangüinidade do mistério das coisas.

Os lugares que encontrei reproduziam e homologavam a natureza dos meus primeiros encontros: a entidade-colégio era uma máquina de trituração da criança

\* Este texto faz parte do livro *Certeza do agora*, a ser publicado este ano.

possível. Eu só conhecia o saber da superfície e não tinha nenhum tipo de recolhimento capaz de gerar a confiança no ato de pensar. Atravessei o colégio decorando tudo, copiando absolutamente tudo. Me enrijei militarmente e entronizei a ordem totalitária do real e todos os seus procedimentos. Arrumava minhas roupas geometricamente sobre uma mesa de bilhar, dispunha as bolas simetricamente em todas as caçapas e rezava para algum deus a fim de que os procedimentos que eu colocara dentro da minha cabeça não desaparecessem durante o sono. Sempre acordei alguns segundos antes do relógio despertar (às 6:40), sempre fiz o meu Toddy no eterno da solidão e sempre pus a mão na maçaneta no instante exato em que aquele ônibus escolar mugia sua voz medonha. Dentro do ônibus eu recapitulava meu arsenal de sobrevivência em sabatina. Uma questão me inquietava: "Será que eles irão descobrir que estou colando do meu próprio cérebro, que o Gombro faz cola de tudo dentro dele?" Esta angústia durou uns doze anos, incluindo todo o tempo no lugar-entidade-escola. Me lembro daquela prova de matemática; o professor pôs os dez problemas na lousa e eu os fui reconhecendo imediatamente em cima do pânico, um a um, até o décimo. Resolvi a prova inteira em 45 segundos e passei os restantes 90 minutos simulando o ato e a cara-de-pensar, e escondendo a prova já inteiramente resolvida. Tirei a nota dez, junto com o Jó e o Marcelo, dois garotos inteligentíssimos, um deles meu amigo e hoje cientista mundialmente importante.

Eu não tinha outro lugar a partir de onde medir o eterno em que eu vivia. Algumas vezes o pânico era muito grande e eu não reconhecia o problema ou sua estrutura; tirei a nota um e a nota dois pelo menos uma vez e temi que meu segredo (o segredo-cola) fosse descoberto. Nesses dias eu andei pelos pátios gelados da escola e soube o que sente uma zebrinha cercada pela matilha de hienas. Não sei em que abismo amigo eu me escondi daqueles rostos, mas sei que esse lugar existiu e hoje me causa profunda dor saber que a dor do animal acossado e da terra em extinção desconhecem a rota de fuga e o tempo de espera. Eles vivem apenas no atual e dependem inteiramente de nossa fragilidade.

Eu criei um eu hipermetafísico e um tecido de sinapses velozes e miméticas para sobreviver e, misteriosamente, mantive dentro de mim, intacta, durante muitos anos – anos astrofísicos –, a região da vida possível. Atravessei enormes descampados de isolamento até poder compreender a profundidade maravilhosa do sorriso de uma mulher.

Meu pai e minha mãe, um casal absurdo e inexistente, ficaram "juntos" por muito pouco tempo. Aos quinze anos, minha mãe, num dos três ou quatro diálogos "solene-pedagógicos" que tivemos até meus dezessete, contou-me que eles não tinham conjunção carnal, que só uma vez tinham tido relação carnal, conforme reza o código penal, num dia de agosto de 63, data em que eu havia sido concebido. O segundo

diálogo solene foi aos treze, catorze anos, quando ela me disse que masturbação não era pecado e que não precisava escutar os padres do colégio. O problema é que eu não sabia o que "masturbação" significava. Mas isso não me impediu de simular um entendimento. A propósito, devo dizer que apenas aos dezessete, tomando banho num camping de Matinhos, cidade do litoral do Paraná, senti algo desconhecido e vi um líquido esbranquiçado jorrar do meu corpo. De início fiquei muito assustado e pensei em procurar um centro médico a fim de relatar o ocorrido mas, passado o susto, percebi que aquilo podia ser a famosa "sexualidade". Havia um arco-íris duplo no céu de Matinhos e me lembro de ter caminhado pela praia e olhado as ondas do mar com um encantamento estranho das terras impossíveis. Essas últimas quatro palavras, "encantamento estranho das terras impossíveis", não constituem literatura nem enganação, mas uma experiência acessível. No momento estou cansado e não quero explicar o que é isso. Basta conferir a escrita de uma divindade polaca chamada Bruno Schulz para saber o que é o Estranho Encantado de que estou falando.

Acho que sobrevivi no tempo-lugar-colégio por causa da imantação encantada, forte e genial de algumas coisas que amei na mais secreta clandestinidade. A primeira delas foi a Eloá. Eu devia ter cinco anos e, num fim de semana com meu pai divorciado, fomos ver uma exposição de cães na Água Branca. Com o número 371 ganhei um filhote de collie. A Eloá me acompanhou fora do mundo, na terra intacta, durante muitos anos: nós nunca nos misturamos com a realidade. Depois a Eloá se estendeu até uma moto amarela, até uma prancha de surf (também amarela) e o mar e as ondas do mar que eu amei acima de tudo numa terra distante do mundo, terra completamente cindida e, sempre, sempre a Eloá! Estes dois mundos – o real e o que eu amei sozinho – jamais se cruzaram!

Hoje me lembro de uma pessoa que esteve junto de mim por algumas horas, mas essa pessoa sumiu para sempre. Foi um homem chamado Argos, um tio distante que morava no Rio. Esteve comigo no sítio de meu pai, em Piedade, terra de origem de meu pai; meu pai, um homem bom e provinciano que foi triturado pelo caráter absurdo do mundo em que vivemos. O Argos sorria muito quando me via e durante aquele fim de semana ficava sempre ao meu lado. Falou-me da assombração do barão (um antigo barão que morara ali) e nas caminhadas noturnas dizia "ba-rão, ba-rão, barão, venha pegar o Gombrozinho". Vivi dois dias no espaço possível do sorriso na companhia do Argos e do seu vozeirão rouco de tabagista-bebum. Falou-me de cascavéis e de desertos. Da serpente magnífica cujo nome era Naja e imitou, com suas mãos, o andar preguiçoso das tarântulas. Juntos, assustamos minha avó, um O.F.I., objeto freudiano identificado, que temia a alma do marido morto. O Argos e eu saímos de madrugada e arrastamos correntes a uns quinze metros da janela do quarto de minha avó; as correntes faziam um som aterrorizante enquanto eu e o Argos fazíamos

barulhos do além com a boca. Minha avó morreu de medo e teve de passar a noite acordada na sala. Quanto a mim, fiquei tão excitado e animado com o Argos que não dormi naquelas duas noites. Soube mais tarde que meu pai e minha avó deram uma dura no Argos; ele estava deixando aquela criança muito excitada! (A propósito, e este é um "a propósito" bastante secundário, me recordo agora que minha avó paterna sempre se referiu a mim no feminino – boneca, querida etc. – e eu achava isso bastante engraçado!)

Aos dezesseis anos fui, por três meses, aos EUA num intercâmbio cultural, algo que estava no cardápio das experiências necessárias para a boa formação de um jovem são, jovem habitante da iluminada ordem do mundo. No dia em que me buscaram no aeroporto (pai, mãe, mais o Marcelo e o Paulinho), eu comecei a encenar para os meus pais uma espécie de loucura. O Paulinho me disse que já estavam no primeiro mês de aula (eu sabia), me disse que eu tinha perdido 30 dias inteiros e que, no dia seguinte, exatamente no dia seguinte, tinha uma prova de Trigonometria. Esse nome me massacrava e eu estava absolutamente horrorizado. Ao entrar em casa, encontro Aischa, uma setter irlandês que tinha vindo para "substituir" a insubstituível Eloá, completamente cega e esquelética. Atirei um pedaço de carne para o alto e o seu salto antigo, o seu maravilhoso bote, não veio; a carne bateu no seu focinho e os seus olhos estavam opacos. E minha mãe disse que não tinha visto, que sentia muito mas ela não tinha visto que a Aischa estava cega e prestes a morrer. Aischa morreu dois dias depois da minha volta, depois de eu a ter abraçado muito. Eu me lembro daquela noite na minha cela, as lajotas vermelhas e escuras, por suas canaletas fluíam rios do xixi da Aischa, as madeiras estalando sem parar (a vida inteira elas estalaram) e o nome Trigonometria me oprimindo feito um anagrama forasteiro com o pânico físico do dia seguinte. Ali estavam a mesa de bilhar e a minha escrivaninha, o lugar onde eu decorei, sozinho, a inospitalidade de todos os saberes. Ali eu jogava munição para dentro da cabeça, eu assistia à munição entrando para dentro da cabeça e eu não ligava TV nem rádio, pois eu temia que as munições se misturassem, que eu escrevesse uma notícia ao invés de um número. Ali eu segurei minha cabeça e atravessei a época-colégio! Na época-colégio eu aprendi a disciplina do massacre. Eu aprendi que a realidade inteira não passava de mentira. Soube da GRANDE FALCATRUA. Eu sabia que eu era um idiota, um destituído de qualquer inteligência, só podia ser isso, o silogismo era fácil, afinal, ali, no lugar-colégio, nenhuma sílaba, nenhum teorema, nenhuma palavra fizeram o menor sentido! A culpa só podia ser minha! Eu me dizia: "Você não sabe pensar! Mas é necessário derrotar aquelas provas e não ser mandado para uma escola de débeis e de anômalos. Tudo é memória e imitação, ele-eu me dizia para mim. Os animais da selva sabem imitar. Você é como eles!" Então eu sentava na escrivaninha, ereto como um guarda romano, e formalizava todos os tipos de soluções

possíveis no repertório dos problemas. Geralmente eram três ou quatro variações de estruturas. No mais, só se alteravam os números. No dia seguinte eu ficava de prontidão e, ao olhar a lousa ou ler a prova, fazia uma identificação repentina. Se isso não ocorresse, eu era invadido pela tempestade de pânico e o meu corpo podia se desmantelar num oceano de formigamentos. Mas à noite eu sempre tinha rezado a um deus para que ele mantivesse minha cabeça intacta: "Peço ao senhor que tudo que eu coloquei em minha cabeça esteja ainda lá amanhã de manhã e que eu seja capaz de recordar. Faça isso pra mim." O excepcional é que o "meu método" dava certo e eu conseguia fazer quase tudo sem compreender absolutamente nada. Passei a ser tomado como um dos melhores alunos da escola. Eu ocultava meu método com toda artimanha possível, temendo a descoberta do segredo. Durante anos fui eleito pelos colegas o "presidente da classe", os professores corroboravam meu nome. Minha popularidade e liderança eram jogos de astúcia e eu as estranhava muito. Eu sabia que minha vida era uma guerra desconhecida, uma batalha no planeta diferente. Exteriormente, por anos, fui uma criatura totalmente exemplar e sem defeitos. Minha mãe esperava de mim um futuro feito de glória e de poder; aos seus olhos eu era uma espécie de pequeno Midas, jamais dera problemas e o que eu tocasse era ouro.

Mas eu sabia que tudo aquilo, toda aquela desenvoltura escolar e toda aquela facilidade exterior eram pseudo; eram mentira. Por que os olhos do mundo são tão cegos? Por que os homens acreditam tanto na deusa realidade? Por que não falam da GRANDE FALCATRUA? Sei que sempre mantive uma vigilância permanente e uma organização total. Treinei minha "velocidade para fugas" e minha "astúcia de guerra". Meu primeiro romance, escrito em 82, era isso tudo visto de dentro e me lembro de passagens inteiras sobre tortura, nomeação e captura. Do ponto de vista da cegueira do lugar-família e da cegueira do lugar-escola, eu vivi "perfeito" por vários anos: escondia minhas febres para não faltar na aula; às vezes, já estava vestido em plena madrugada e, por horas, aguardava a passagem do velho ônibus escolar! Entrava dentro daquele ônibus em incontáveis manhãs de frio ou de calor. Eu não notava a diferença. O que eram essas manhãs? Por onde me levavam? Eu só sabia que aquele era o meu campo e o meu sempre. Nunca imaginei alguém, nunca imaginei um rosto a quem confessar minha fraqueza específica, isto é, o descompasso entre a enganosa facilidade de fora e a inexistência de dentro. Nunca imaginei alguém para contar o que eu sentia: "Sabe esse menino do colégio, o das notas e da ordem? Esse menino não existe. Sabe o meu segredo? O menino verdadeiro está desaparecido e eu temo que ele não exista mais... Por que a marionete da ordem tomou o lugar da criança possível? Por que a violência do mundo faz esse truque? Por que a assim chamada vida familiar e a assim chamada vida escolar e a assim chamada vida social trituram a criança possível? Por que sobrevivem apenas os falsários, os que se identificam com a

criança morta?” Também nunca imaginei um outro lugar que não fosse o lugar-escola e, durante muitos anos, o lugar-casa e o lugar-escola tornaram-se tão hegemônicos, tão totais e tão insistentes que a própria Eloá e meus universos paralelos desapareceram e ficaram tão opacos quanto a infâmia chamada realidade. O brilho e a vibração frágil chamada Eloá ficavam as-sas-si-na-dos pela atmosfera fria da casa. Tudo precisa de espaço propício para luzir. Assim como é impossível ler uma página de Bruno Schulz perto de Auschwitz, assim como é impossível ler um poema de Hölderlin num quarto de Hotel 5 estrelas, assim como é impossível que numa sala de universidade (das que andei) surja um pensamento-vento, um pensamento-macieira, assim também Eloá não podia existir no lugar-casa. Ficamos tristes e separados e ela soube disso. Não é nada casual que Eloá tenha morrido nos cantos daquela casa após uma dedetização. Quando a inocência dourada do mundo está morta, então vigora um pequeno erro chamado des-ti-no, vigora uma arregimentação chamada causalidade. O espaço morto nos isolou e a Eloá desistiu. Sua morte foi a morte que compreendi mais profundamente. Eu assisti sua agonia, soube que ela estava indo embora porque aquele não era o nosso lugar. Porque aquele era um lugar-tétrico e nós não pertencíamos ao tétrico, o tétrico não era o nosso elemento, o té-tri-co nunca foi o nosso elemento. Eu fiquei só no lugar-casa e no lugar-escola, pois esses dois lugares iguais já tinham me separado da Eloá. Ela não gostava de seu quintalzinho-para-cachorros, da sua tigelinha-de-alumínio-para-cachorros e do seu mordomo-para-passear-cachorros. Ela se recusou a viver numa casa-de-foto-de-revista onde tanto ela quanto eu próprio estávamos sendo de-de-ti-za-dos. Ela não gostava de ver seu companheiro dormindo sozinho na sua cela de lajotas escuras, uma cela-de-casa-de-revista, casa estilo Mediterrâneo, numa rua sinistra de um bairro igualmente sinistro chamado Morumbi. Foi por isso que ela morreu, porque a de-de-ti-za-ção de nosso ser, a verdadeira dedetização já tinha começado muito antes do detalhe, do acidente empírico da dedetização que vocês chamam de real. Eu fiquei muito só. Não fiquei só como uma planária, um Kaspar Hauser ou uma ilha do Norte. Eu fiquei mais só. Eu fiquei nos anéis de Saturno, eu fiquei andando na garganta de Netuno, eu fiquei nas ruas vazias do Morumbi mas, pelo menos, a Eloá tinha escapado. A Eloá tinha escapado e pouco importava que eu continuasse dentro do desastre daquele teorema sufocado. Eu já estava acostumado!

Continuei naquele quarto escuro, continuei dando cordas num relógio desnecessário e preparando minhas roupas em posição geométrica, como já disse, sobre uma mesa de bilhar. A propósito, ganhei essa mesa de bilhar do segundo marido de minha mãe. Eu andava virando os olhos para trás de tal modo que eles (pessoas) viam só o branco do olho; eu fazia isso, eu fazia esse movimento o tempo todo, tanto no lugar-casa quanto no lugar-escola, quanto no lugar-ônibus, que me levava de um

lugar idêntico a outro ainda mais idêntico. Eu virava os olhos para dentro: não sei se era para procurar a criança sumida, a criança que tinha visto Eloá, se era para verificar o terreno baldio dentro da marionete-ordem ou se era simplesmente para não ver a onipresença das coisas, o fato é que eu revirava os olhos. Então o Paulo me disse: "Se você parar com isso eu te dou uma mesa de sinuca, Garoto". E então eu parei de fazer aquilo na frente da figura-Paulo e da figura-mãe, eu parei de fazer aquilo no lugar-casa e no lugar-colégio, e eu passei a fazê-lo apenas sozinho no lugar-quarto e no lugar-banheiro. Eu revirei os olhos sem parar, madrugadas inteiras, madrugadas inteiras eu fiquei zanzando do horror de fora ao vazio de dentro e do vazio de dentro ao horror de fora. E neste jogo eu nunca achei nada diferente, eu encontrei sempre de um lado o absurdo ininterrupto e do outro a escuridão. Ganhei, entretanto, uma bela mesa de bilhar. Eu pude andar em torno dela e pude aprender sinucas de bico. Nela eu derrotei sucessivos mordomos. O ter parado de espiar pra dentro para ganhar uma mesa foi uma das raras vezes em minha vida em que negocieei, em que executei, deliberadamente, uma ação racional instrumental tendo em vista fins. Muitos anos depois, nos anos 95, 96 e 97, quando tudo, absolutamente tudo esteve em jogo, nesses anos que foram os mais perigosos e terríveis de minha vida e que a minha assim chamada integridade física esteve duramente ameaçada, e isso inúmeras vezes, então, nesses anos, eu não consegui negociar absolutamente nada. E quando eu ouvi a voz-família dizer: "Gombro, se você não parar de beber, se você não parar de correr atrás da vodka, você vai para o hospício ou para a polícia", então eu não parei de beber e eu conheci o lugar-sanatório, o lugar-manicômio e o lugar-presídio. E não há a menor dúvida que eu terei de dizer tudo, eu terei de contar absolutamente tudo, o alfa e o ômega, tudo tal como foi e tal como se passou, pois isto já não é mais uma questão minha e já é uma necessidade maior do que a de comer ou respirar. Engana-se quem diz que o horror é inominável, o horror só é inominável para quem só conhece as palavras doces, para quem só conhece as palavras meios-termos, mas o horror é dizível na hipótese em que você foi visto por um olho-Auschwitz e você, tendo percebido que estava sendo visto-e-dito por um olho-boca-Auschwitz, você, simultaneamente, assistiu tudo isso acontecer. Com uma voz-frieza-de-objeto você pode descrever-mimetizar o que assistiu enquanto era visto e no-me-a-do como algo exterminável. Talvez seja um acesso meramente fonográfico e visual, talvez ele nunca diga um conteúdo, um fundo, nem qualquer rugosidade opaca de vida, mas isso se deve precisamente ao fato de que nessa hora tudo isso sumiu. É provável que eu tenha conhecido essa hipótese, pois num dos lugares em que estive o olho-palavra de um homem vestido-de-branco, um homem dito normal que guia automotores e põe bolas em árvore de natal junto de rebentos que têm a sua cara, o modo como fui olhado por ele, antes de ser novamente amordaçado na cama metálica, fez com que, durante as 13

horas subseqüentes em que estive no lugar-cama recebendo injeções no lugar-ombro, fez com que eu não pudesse deixar de ficar sentindo, fez com que eu ficasse sentindo o tempo todo a vida das pessoas exterminadas, das pessoas que não tiveram nunca mais o depois-daquilo, que tiveram de olhar apenas dentro do olho do minotauro gelado e tão-somente ele e apenas ele. E eu soube que essas pessoas morreram suspensas no infinito do horror e que o infinito, o horror e o eterno são nomes de coisas idênticas. E é por isso que desde o dia do EVENTO, do evento de doze dias atrás, eu me tornei uma palavra que não pára, e essa palavra que não pára, que não me deixa dormir e não me deixa cagar, e que é uma palavra intrinsecamente totalitária e excessiva, eu preciso dela, eu preciso dela porque no dia do EVENTO operou-se uma revelação e, nessa revelação, eu percebi em mim mesmo a presentificação total da minha vida, e nessa a-pro-pria-ção que me possuiu, nessa anamnese gigante de todos os agoras, de todos os com-quem e lugares de minha vida, essa instantação onipresente de tudo que me foi me percorre dia e noite sem parar, revivificando tudo e encarnando tudo. E a palavra que aqui eu digo é a palavra disso e é, portanto, a palavra necessária e eu preciso da palavra ne-ces-sá-ria para derrotar, para triturar a palavra morta, a palavra bom senso, a palavra psi, a palavra língua ordinária, a palavra jornal, a palavra divã, a palavra belas-letas, a palavra homem-de-letas, a palavra amiga, a palavra diversão, a palavra talk-show, a palavra toda-TV e toda-rádio, a palavra táxi-Habermas, a palavra comunica-Apel, a palavra tísica-Rorty, a palavra associa-Freud, a palavra materna, a palavra ciência, a palavra diagnóstico, a palavra humanista, a palavra moral-polícia; é um bando, é um séquito interminável o das palavras que eu preciso silenciar. O Argos foi o culpado. O Argos foi o culpado de muitas coisas, culpado não só de eu sempre ter preferido os estranhos aos conhecidos, mas o culpado de ter me falado da Naja. Eu guardei o nome Naja assim como eu guardo tudo o que me dizem, mas eu guardei o nome Naja com um grifo negro embaixo dele e agora eu preciso da palavra Naja para colocar todas as outras em sinuca de bico; eu preciso do soro-antiofídico-Naja para destituir o desfile do verbo caído. Eu preciso da palavra gnóstica, da palavra maniqueu e eu preciso dela não porque eu não saiba falar as palavras do mundo; eu sei imitá-las muito bem, eu sei imitar a palavra-correta, a palavra "nossa-que-cara-culto!", a palavra "olha-como-ele-é-articulado", eu sei, eu falo de cabeça cheia, eu tirei dez, a chamada nota máxima em quase todos os trabalhos que escrevi numa famosa instituição universitária e ali, naquele centro de excelência, naquela fábrica de inseminação de bons alunos, naquele exército do saber bem e do dizer bem, eu não emudeci e eu não me saí de todo mal, e eu convivi com muitos filhotes-de-papai que se tornaram filhotes-de-orientador, isto é, gente que seguiu sem gemer, sem o menor conflito, essa monstruosidade chamada homem-de-carreira, chamada homem-de-sucesso e que

trocou o papá-gosta-menino-eu pelo cabeça-professor-ama-texto-eu. Eu conheci a violência intrínseca dessas pequenas criaturas culturais, criaturas que riscavam do convívio quem dissesse errado a coisa-Descartes e a coisa-Freud e que, embora não tivessem os bens materiais como a coisa-Mercedes e a namorada-coisa-gostosa-que-vai-vernissage, tinham muitos bens culturais dentro da cabeça e adoravam a coisa-Kant, a coisa-Fichte e as belezas da literatura assimilada na bolsa de Paris. Agora eu me lembro de tudo, a assim chamada madeleine está inteirinha atravessando a minha boca, e é necessário que eu diga absolutamente tudo, pois isso, como já disse, não é mais uma questão minha e se percorro, retroativamente, levado pelo rumor das distâncias atravessadas, todos os lugares da minha existência, todos os com-quem e gestos a mim dirigidos, percebo, com um misto de náusea e perplexidade, que esses mesmos lugares, bordados no bem e na correção, não passavam de cenários ociosos e que os gestos e as palavras escutadas eram oriundos de uma terra destituída, terra infinitamente incapaz de iluminar sequer um pedaço de noite e, assim, tanto no lugar-escola quanto no lugar-namoro, tanto no lugar-família quanto no lugar-divã, eu notei sempre a mesma ausência do outro, a mesma falta de rosto e o mesmo sumiço da fagulha e assim, quando cheguei em São Paulo após três meses nos EUA, três meses essenciais no que diz respeito à boa formação de um jovem são, um jovem que após três meses de experiência em país estrangeiro se torna melhor, mais apto e mais antecipadamente reciclado que qualquer outro jovem igualmente são que não tenha tido a mesma experiência, então logo que cheguei no aeroporto notei a presença da entidade-mãe e da figura-pai mas, tanto os olhos na entidade-pai quanto os olhos na máscara-mãe não notaram que junto da grande quantidade de espinhas, internas e externas, que tinham pululado no meu rosto, havia se atualizado, prestes a explodir, toda a turbulência de uma questão informulada. A questão "há alguma vida verdadeira no planeta?" ameaçava dispor da totalidade do meu ser, minando e interrompendo tanto a habilidade mimética quanto a correlata capacidade de simular teatros-realidade a fim de viver no mundo sem compreendê-lo. Essa pergunta fundadora que é a mesma pergunta que me inscreveu e que me trouxe até aqui, eu teria ficado com ela inteiramente dobrada e informulada caso o lugar chamado carro tivesse capotado e se espatifado após uma ligeira desatenção de meu pai no km 76 da rodovia Anhangüera. Vale dizer que se eu tivesse morrido no 76 da Anhangüera eu não teria tido o tempo necessário, o espaço temporal necessário e indispensável para desdobrar e para me apropriar da pergunta que me foi confiada, e eu teria desaparecido com ela inteiramente embrulhada e, então, nessa hipótese, minha existência não teria sido mais que um horror e um massacre, pois foi apenas porque puderam se passar 20 anos desde a data do km 76 até a data de hoje que eu pude tocar as mãos no ombro do adolescente obscuro que viajava naquele carro,

adolescente que não podia esperar mais nada a não ser a própria espera pela minha chegada. E é só porque eu pude durar mais 20 anos e pude deixar de continuar ferido pela paixão da mesma dúvida; é só porque eu realmente pude ir bem longe no farejamento do mundo e na investigação da existência que pude, finalmente, colocar as mãos no ombro do adolescente e, com ele, junto dele e sobretudo no elemento da dor-ele, destruir e aniquilar todos os lugares que o sufocaram. Foram, portanto, necessárias duas décadas para que eu estivesse em condições de olhar dentro do olho do minotauro gelado e tão-somente ele e apenas ele e olhá-lo face-a-face, frente-a-frente, perfurando-o e ultrapassando-o na direção de uma nova terra. É porque me encontro, agora, protegido pela palavra de uma terra redimida que posso fitar o minotauro na sua própria língua e desgorgonizá-lo e dissolvê-lo até o último limite. Não fosse essa visitação do agora, não fosse o sopro dessa visitação, eu jamais teria descoberto o que me conduziu por uma história que é uma ausência de história e por uma vida estranhamente cerzada na falta-de-uma-vida. Se posso agora abrir a boca, é porque fui visitado pela grande ruptura. É apenas quando desaparece a cadeira em que um homem sentou ou quando some a forma na qual ele se manteve toda-uma-vida que se tem o direito de começar a falar e a expor. Antes de qualquer visita dessa ordem, um homem é apenas uma ilusão ambulante e se ele se põe a falar e a narrar, logo percebemos que sua narrativa já se encontra inteiramente narratizada e que, ela e ele, narrativa e homem, pertencem apenas ao mundo e não à turbulência da verdade. O homem que abriu uma brecha na cidade ao gritar do viaduto e da janela do edifício estará em condições de começar a falar se ele não esquecer e não suprimir o grito ao voltar para o seu quarto, mas se, ao contrário, permanecendo no elemento do grito, começar a ser apenas e tão-somente a partir do elemento do grito, de tal modo que já não é a cidade e o edifício que assistem ao grito, mas é o grito quem olha o edifício e a cidade. Passei boa parte de minha vida gritando em túneis, janelas e becos e se hoje eu não preciso mais gritar é porque me tornei a própria dor contida naqueles gritos e é ela e apenas ela quem me autoriza a falar. Estou autorizado a falar não em virtude da minha formação cultural ou da anuência consentida pelo prêmio-literário, pela crítica-literária e pelo doutor-literário, nem em função de algum embuste chamado competência comunicativa, mas porque falo a partir de uma dor tão antiga que ela já estava presente na única memória deixada pela criança que fui.

A criança que fui tinha exatamente 4 anos quando fez sua primeira descoberta. Era uma tarde ensolarada na avenida Angélica 1905, apto. 10B e eu estava cuspidando caroços de ameixa nos transeuntes que passavam na calçada quando notei que as ameixas tinham terminado e que eu não podia mais continuar lançando caroços nas pessoas que passavam. Dirigi-me, então, para a janela situada na direção oposta do apartamento, janela que ainda hoje dá para um cemitério, e fiquei olhando para os

túmulos até o momento em que fui visitado pelo seguinte pensamento-pergunta: "Quanto tempo vai levar, Gombro, até que você reencontre alguém ou alguma coisa depois de você morrer?" Comecei, então, a repetir bem baixinho a palavra NUNCA a fim de surpreender o momento exato em que ela chegaria ao fim, mas fui me dando conta, ao acelerar a enunciação da palavra nunca, e ao dizer nunca, nunca, cada vez mais rápido, que aquilo não ia parar nem se deter. O tão esperado momento final a partir do qual algo ou alguém voltariam à minha proximidade parecia abortar-se continuamente. Visualizei então um homem caindo num desfiladeiro cujas rochas estavam marcadas com faixas amarelas de auto-estrada e, entrando dentro desse homem visualizado, fui vendo as faixas passarem numa velocidade cada vez mais rápida até que, completamente horrorizado, descobri que aquela queda jamais terminaria e, ainda, repetindo o nunca e o nunca em intensidade cada vez mais forte, senti a medula concentrar-se e ir se gelando progressivamente até que caí no chão, completamente imóvel e paralisado: o infinito havia me estuprado de uma tal maneira que já no dia seguinte, exatamente no dia seguinte, não tendo podido esquecer o que havia se passado e não tendo podido mais procurar ameixas e transeuntes, desenhei com um giz uma linha de quase 30 metros e, pondo-me bem no centro dessa linha, fiz um ponto, um ponto verdadeiramente minúsculo que era o ponto preciso onde estava minha vida. Percebi que ela estava rodeada de morte infinita nos dois lados e, ainda que eu apenas desenhasse como a criança-índio ou a criança-xamã, era, na verdade, a célebre frase pascaliana quem soletrava o seu peso nas minhas vísceras: o silêncio eterno dos espaços infinitos me apavora! Eu já conhecia, portanto, o sentido da frase de Pascal uns 20 anos antes de tê-la reencontrado escrita num volume filosófico, volume que tendo caído nas minhas mãos provocou a primeira reminiscência transparente daquela tarde na avenida Angélica. E já que se mencionou aqui o nome de Pascal, do grande Pascal, que tendo vivido apenas 39 anos teve, no entanto, o tempo necessário para desembrulhar o seu recado e para, generosamente, formulá-lo aos outros e ao mundo; já que se falou dele, não custa também pronunciar o nome de Descartes a fim de assinalar uma divergência essencial e uma radical oposição, uma vez que eu próprio, não tendo me descoberto num ato de pensamento conforme reza o princípio mesmo da filosofia moderna, mas porque o corpo tremeu ao saber-se mortal e eu me surpreendi intrinsecamente contemporâneo da noite de minha ausência, por isso e simplesmente por isso, não pude experimentar em relação a Descartes a mesma alegria e felicidade que encontrei em Pascal. Quando um homem descobre o próprio ser mediante um ato de pensamento, ele está descobrindo apenas um pedaço construído e secundário de si mesmo e, nesse sentido, ele se encontra na mesma situação daquele que apalpa a calça e o sobretudo e pensa estar tocando sua nudez primeira, o que equivale, sem dúvida alguma e sem o menor exagero, a um

erro e a um embuste. Há uma diferença muito grande entre encobrir-se e descobrir-se, mas esse não é, ainda, o momento exato para falar de filosofia e acertar as contas com o pensamento dos filósofos. Qualquer aluno de filosofia poderia objetar que Renato Cartesio, conforme as traduções espanholas dos manuais soviéticos de história da filosofia, que Renato Cartesio não era um mago da insegurança mas, ao contrário, estava ocupado com a certeza e não com a verdade e que a verdade como certeza é bastante diferente da verdade como verdade. Mas é temerário falar e discorrer sobre filosofia. Há sempre um vigia e há sempre um espião decretando antecipadamente a nossa incompetência. Seria necessário um solilóquio a quatro paredes, quatro paredes bem fechadas, onde ninguém fosse ouvido; seria necessário, para falar de filosofia, locomover-se até a última rua da cidade de Guarulhos ou fugir para um país de língua estrangeira como a Polônia ou a Turquia, um país onde já nem houvesse mais instituição filosófica e, por isso, esse ainda não é o momento exato para acertar as contas com o pensamento dos filósofos. Isso implicaria um enorme desvio, uma monstruosa digressão que mostrasse que a única maneira de não ser completamente aniquilado pelo exército dos filósofos seria medi-los e enfrentá-los a partir do constante recuo até o informulado da própria questão, uma tática de ida e vinda, entrada e saída, em que a inteligência conquistada é permanentemente submetida à vigilância da reserva de estupidez e de inocência, de tal modo que ao conhecimento incorporado segue-se a negação e a destruição do conhecimento incorporado e, à forma adquirida, segue-se o horror e a náusea por essa mesma forma adquirida e assim sucessiva e incansavelmente, pois é apenas assim que haveria as condições necessárias e nunca suficientes para eclodir uma questão real. Mas hoje ninguém dispõe do tempo e do espaço necessários para manter-se fiel ao próprio informulado; tudo conspira sistematicamente contra uma tal possibilidade, de tal modo que a maioria dos homens, a quase totalidade deles sequer pressente que carrega em si um filósofo possível e que seria exuberante desdobrá-lo no diálogo e no combate com os filósofos logrados. Porque tudo hoje se encontra radicalmente tamponado e suturado, não há espaço para a realização da filosofia como sofia e da sofia como literatura. Para tanto seria necessário um imenso lugar de errância e vagabundagem, bem como uma acolhida por parte dos guardiões e dos plantonistas da filosofia, mas os plantonistas da filosofia, os membros da instituição filosófica, ao perceberem alguém querendo erguer a cabeça a fim de balbuciar suas inquietudes, fazem com que ele não mais se sinta no direito de fazê-lo.

Se eu, no entanto, me atrevo a abrir a boca para falar de filosofia é porque me encontro protegido pela visita filosófica do infinito. É porque aos 4 anos, na avenida Angélica, tendo repetido muitas vezes a palavra NUNCA, eu me horrorizei diante da incalculabilidade da duração do eterno e porque, na incalculabilidade da duração do

eterno e no correlato horror-aniquilação que constituíram minha primeira formulação, eu não descobri nenhuma infinitude positiva nem qualquer substância gorda que me sustentasse, mas, ao contrário, descobri apenas minha precariedade e minha completa fragilidade, tornei-me então uma pessoa intrinsecamente filosófica, e é uma pessoa intrinsecamente filosófica aquela que está na situação de dizer tudo sem negociar absolutamente com nada e com ninguém, pois seu único antecedente, seu único rodapé e seu único mestre é o grito do primeiro despertar. Porque eu jamais esqueci esse grito e nem me livrei da ameaça de cair-para-sempre-para-fora-do-mundo, por isso e apenas por isso minhas assim chamadas relações com a vida tornaram-se, todas elas, sem exceção, intrinsecamente filosóficas e transcendentais. E desde o início, desde que cheguei ao mundo, adentrando no lugar-maternidade, todos já estavam a postos e todos, como numa partida imóvel de futebol, vestiam suas camisas numeradas e atuavam nas áreas demarcadas com uma tal precisão que eu senti tratar-se de uma partida eternamente presente e de uma partida que jamais tinha começado, e assim percebi o sorriso do doutor médico e o sorriso do doutor médico coincidiu absolutamente com o sorriso médico do doutor e enquanto ele sorria, simultaneamente, meu avô imutável observou que eu era excessivamente ruivo e tinha um nariz um pouco grande demais e minha mãe, tendo ouvido essa proposição de meu avô, teve alguma dificuldade em segurar-me da maneira correta, da maneira que ela havia lido no manual científico da boa mãe, pois ela tentou medir-me e avaliar-me a fim de precisar se aquela coisa ruiva e barulhenta não estava chegando com algum defeito estético. Foi necessário que a figura-pai contasse e conferisse o número dos dedinhos, o que ele fez seguida e obsessivamente por quatro vezes, iniciando assim a minha primeira sabatinização, para que a entidade-mãe conseguisse esboçar a sua primeira grande pulsão de recepção: um sorriso realmente branco e maravilhoso haurido nos melhores textos indicados pelo terceiro doutor, um doutor muito importante que não se encontrava ali, mas que havia prescrito, de antemão e de um modo radicalmente transcendental, a totalidade dos procedimentos obstétrico-anestésicos do parto da beldade-mãe. E é óbvio que tudo saía a contento, tudo funcionava maravilhosamente bem e eu era, exceto o nariz um tanto grande e o cabelo avermelhado, razoavelmente perfeito, dir-se-ia até que feito à imagem e semelhança da coisa-deus e da família e, por isso, todos transitavam alegres e sorridentes dentro do lugar-maternidade. Até mesmo a realidade-avô, que sempre parecia ter acabado de sair do banho, e, quer fosse de madrugada ou após um vôo de dezesseis horas era admirável constatar que a realidade-avô continuava idêntica à realidade-avô, mesmo ela permitiu-se uma palavra não-jurídica ao cumprimentar a enfermeira e parabenizá-la pelo sucesso da operação. Tudo ia muito bem e tudo ia tão bem mesmo no interior do lugar-quarto, situado no interior do lugar-maternidade, incluído no interior do

lugar-mundo, que ninguém notou que o primeiro sorriso da figura-mãe absolutamente não me convencera. Eu fiquei extremamente desconfiado e não fui seduzido pela primeira grande exibição de arcadas da figura-mãe e, desde esse primeiro início, tendo me perguntado se era realmente aquilo um sorriso humano, abriu-se entre mim e a totalidade daquela família uma cesura monumental e uma radical oposição, pois me pareceu que aquela família, na condição de célula-familiar, encontrava-se ali desde sempre e, desde sempre, todos estavam a postos num eterno presente enquanto eu, e apenas eu, teria vindo da noite e do assombro, e que eu, na condição de recém-chegado e, portanto, inteiramente reminescente da sublevação dessa mesma chegada, aportava no interior de uma família que parecia não portar nenhuma marca de chegada nem reminiscência de partida.

Comecei, portanto, a estranhar e a não participar dos rituais daquela família; soube que eu havia baixado num lugar equivocado, num lugar infinitamente agudo e diluído, e que deveria existir um outro planeta onde a vida fosse verdadeira e, batendo em retirada na direção contrária, na direção da noite que me precedera, tornei-me uma espera infinita e tornei-me a lenta paciência na direção do verdadeiro nascimento. Vale dizer que logo nos primeiros instantes, tendo colocado a cabeça para dentro da maternidade e não tendo podido dependurar-me no sorriso-mãe, pois o sorriso-mãe, enquanto armação sinistra do bem já não guardava nenhuma lembrança de minha essência, fui obrigado a desdizer o mundo e a retroceder até a região das antecâmaras. E é preciso assinalar que logo nesse primeiro recuo corri o imenso risco de tornar-me um grito eterno e de cair para sempre na direção do nunca, a exemplo de uma grande quantidade de pessoas que conheci e com quem convivi, pessoas que se encontram dependuradas apenas num fiapo de palavra ou no fiapo de alguma esquisitice para não desaparecerem e para não sumirem para sempre, pessoas que são sistematicamente destruídas e aniquiladas pelos funcionários do bem, e os funcionários do bem, quer dependurados na velha caridade cristã, quer dependurados no moderno saber biológico-psiquiátrico, afastam constante e permanentemente qualquer possibilidade de relação humana com a dor humana, pois tanto a *caritas* cristã enquanto negócio do coisa-deus quanto a medicação psiquiátrica enquanto negócio do programa-científico exorcizam incessantemente o rosto do homem, e se afirmo isso, eu o afirmo de boca cheia, pois experimentei em meu próprio corpo a posição de ostracismo a que me conduziu a boca do consolo e a posição de abandono a que me conduziu a mão que medica e sei, na forma de um saber concreto, que a boca do consolo olha apenas para o alto e encontra-se inteiramente mediatizada pelo olho daquele que tudo vê, e o olho daquele que tudo vê gera nos homens apenas atos intencionais e os atos intencionais, precisamente enquanto intencionais, não passam de atos mortos e auto-referentes e, nessa condição, jamais alcançarão o rosto do

homem que espera, o mesmo ocorrendo com a mão que medica, pois a mão que medica, ao se refugiar e se proteger no diagnóstico e ao olhar sistematicamente na direção do saber e do diagnóstico, empurra novamente para o limbo o rosto do homem que sofre, tornando esse mesmo homem cada vez mais só e cada vez mais desesperado. Mas eu não pretendo ainda – e este não é o momento adequado – acertar as contas com os homens-vestidos-de-preto e com os homens-trajados-de-branco, isso exigiria outra imensa digressão e desvio, um desvio que eu estaria, entretanto, bastante capacitado a realizar, pois já estive alocado e já fui inquilino tanto na cela dos primeiros quanto na cela dos segundos, e percebi que elas constituem apenas um prolongamento e um refinamento da mesma cela, um aumento de grau na sutileza decorativa mas que, essencialmente, há uma continuidade inteiramente harmônica entre o representante da entidade-deus e o representante do programa-científico.

Se eu não pretendo empreender agora este necessário ajuste de contas, poupando minha autobiografia de um constante processo de *scheerazadeização* digressiva, é porque, por hora, só me interessa assinalar que esses dois tipos de carcereiros não têm a menor condição de dialogar e de compreender aqueles que se tornaram um grito eterno, e isso pela simples razão de que eles moram no lugar antípoda e, por morarem no velho sono do lugar antípoda, não estão dispostos ao sacrifício de virarem do avesso e de ponta-cabeça a fim de encontrar a indignação adequada e a pobreza necessária que lhes permitiria uma aproximação com os homens do grito. Eu próprio, tendo escapado por um triz de me tornar um grito eterno pois, como já disse, logo que adentrei no quarto da maternidade não fiquei convencido com a primeira saudação de minha mãe e, não tendo sido atingido por essa recepção, retrocedi em fuga na direção do abismo que me precedera, mas – e aqui reside o detalhe essencial – esse retrocesso aconteceu de um modo tal que enquanto eu retrocedia, simultaneamente eu me agarrava ao fiapo de uma pergunta e essa pergunta, na condição de primeiro estranhamento do mundo, protegeu-me do completo sumiço e do inteiro engolfamento pela escuridão, e eu pude, portanto, salvar-me do grito eterno pois converti-me, ao mesmo tempo, não só em grito eterno, mas em pergunta pela essência do mundo e pelo sentido da realidade. Vale dizer que nessa estranha condição de habitante duplo e de animal de fronteira pude transitar e espiar de um lado para outro, e pude perambular incansavelmente pelos lugares antípodas sem jamais conseguir fixar residência quer de um lado quer do outro e, privado tanto da capacidade de engolir o gigantesco teatro do mundo quanto de suportar o engolfamento da morte, tornei-me apenas uma pergunta e essa pergunta enquanto espera e tensão pela vida verdadeira sustentou-me e conduziu-me por todos os lugares e por tudo que fiz até a idade de 34 anos e, até a idade de 34 anos, apesar da

aparente heraclitização e da aparente multiplicidade de formas e identidades que assumi, eu fui apenas uma única pergunta ambulante, pergunta endereçada a todos os lugares e a todas as pessoas que encontrei e, desde o primeiro momento, desde o momento inicial quando comecei a sugar e a succionar o peito materno com violência e intensidade crescentes, o que me causou a primeira sabatinização pediátrica, eu já me encontrava inteiramente disposto pela pergunta acerca da essência da terra, e pela pergunta acerca da essência do mundo enquanto população humana e, acossado por um há-alguém-aí? e por um tem-alguém-morando-aí?, fui levado a sugar com força o mamilo materno a fim de deslocar e desalojar a entidade-mãe enquanto estátua, pois apenas desalojando a estátua-beldade-mãe surgiriam as condições para o advento da outra mãe, da mãe cuja fagulha trágica, cuja fagulha e caos adormecidos pudessem saudar o milagre da minha chegada. Entretanto, quanto mais eu berrava e succionava, mais a figura-mãe se assustava e mais ela entabulava conversações pediátricas com outras argamassas e blocos falantes, de tal maneira que eu não tive outra alternativa senão a de recuar para bem longe e, com a parte que restava, dar início à minha carreira de ator e de falsário da identidade.

Tornei-me, portanto, um ator e um simulador de identidades e, quer eu estivesse no lugar-escola jogando uma partida de futebol, quer eu estivesse viajando para alguma cidade com a figura-pai, eu sabia perfeitamente estar simulando tanto o ato de jogar quanto o de viajar e, assim, quando estive na cidade de Brasília de mãos dadas com a figura-pai e ele, exibindo seus conhecimentos decorativos e arquitetônicos apontou para os elementos-vazados, o que constitui, ainda hoje, uma de suas expressões prediletas, ele mal sabia que seu próprio filho era o elemento verdadeiramente vazado e que aquelas duas palavrinhas, elemento e vazado, eram radicalmente oraculares, pois a criança, na condição de filho, encontrava-se machucada por uma espécie de onisciência divina e, vagando no elemento dessa onisciência, se assistia constante e implacavelmente, antecipando assim em quase 30 anos a totalidade dos lugares arquitetônicos, todos eles assistidos e vigiados por câmeras que nunca piscam e que desconhecem o sono. Porque o grande olho do abismo sempre me vigiou, tornei-me um elemento vazado e, na condição de elemento vazado, incapaz de erigir qualquer identidade. Homem e identidade se fundam no esquecimento e, assim como um planeta que se soubesse assistido pela proximidade de um buraco negro deixaria de poder persistir no sonho da sua planetidade, assim também o planeta que fui, o planeta-Gombro, fez todas as viagens em estado de dilaceramento contínuo e isso não só na viagem para Brasília, quando pela primeira vez escutei uma palavra-de-destino, mas antes e depois e em todas as viagens, incluída aquela já mencionada, para os EUA, onde me dirigi a fim de aperfeiçoar o idioma inglês e aumentar a extensão do meu exército de saber e de experiência para obter uma vaga na Escola Politécnica, viagem

na qual a máxima recordação, a recordação propriamente encantada e proustiana, recorda uma visita à universidade de Berkeley, onde, extasiado, fiquei observando um homem ruivo de 2 metros de altura com uma camiseta negra onde estava escrito: "Black holes are out of sight". Esse homem, como percebi, estava rodeado de alunos com cara-de-gênio e esses alunos com cara-de-gênio escutavam piamente o imenso professor com óculos e cabelos einsteineanos de um verdadeiro hipergênio e eu, tendo me aproximado e tendo-os rodeado por mais de 30 minutos com todos os pêlos ouriçados, notei que eles falavam precisamente de supercordas e de buracos negros, e eu já era então o sonho secreto de tornar-me astrofísico e de poder conversar com o enigma do buraco negro e era nisso que eu pensava quando a figura-pai buscou-me no aeroporto e ia dirigindo o carro em alta velocidade pela rodovia Anhangüera e eu, com o rosto cheio de espinhas, pensava em como eu iria tornar-me um astrofísico se eu era um idiota que não compreendia os caracteres matemáticos e era necessário ser muito inteligente no trato dos caracteres matemáticos para entender o buraco negro. E eu pensava nisso e isso me trazia uma dor imensa e uma dúvida atroz e eu jamais teria descoberto do que me falavam essa dor e essa dúvida se o carro da figura-pai tivesse capotado e se espatifado no km 76 da rodovia Anhangüera. Vale dizer que se eu tivesse morrido no 76 da Anhangüera eu teria levado comigo uma dor monstruosa, uma dor jamais desembulhada e, então, nessa hipótese, a opacidade do meu rosto adolescente teria desaparecido sem que tivesse podido chegar à luz o testemunho e a narrativa da minha passagem. Por isso, essa autobiografia enquanto heterotanatografia não é mais do que o instante da celebração intensa onde abro a caixa preta da minha vida inteira a fim de dizer a senha que me foi confiada. E foram, portanto, necessárias duas décadas para que eu estivesse em condições de desmascarar a astrofísica e suas tentativas de compreender o buraco negro. Os astrofísicos são seres assombrados e maravilhosos que viajam sozinhos pelos estranhos mares do pensamento, mas eles esquecem que não é preciso ir tão longe para investigar o buraco negro, pois o buraco negro está debaixo de nossos pés, está aqui, agora, furando meu peito com seu vento terrível e, nessa condição, ele constitui a nossa máxima intimidade. E justamente agora, quando a ciência atinge os confins do microcosmo e do macrocosmo, justamente agora que ela toca o fim das coisas, descobrindo caos e indeterminação por toda parte, torna-se claro que ela não passava de um elástico incessantemente esticado e tencionado cujo ponto inicial permaneceu invariável sem nunca ter saído do lugar. Justamente agora que ela atinge o seu próprio fim, descobrindo no macrocosmo entidades autodevorantes e no microcosmo aquilo que está aqui e simultaneamente não está aqui, torna-se nítido e evidente que o pedaço elidido do observador, sua "loucura congênita", reaparece, agora, num terremoto de proporções gigantescas e, ainda que de um lado do telescópio esteja

uma galáxia longínqua, do outro estará um pequeno pedaço de corpo humano chamado olho. E é por isso que sempre penso nas terríveis depressões de Stephen Hawking, depressões que acompanham sua busca pela equação fundamental que estava dentro da cabeça de Deus; as depressões de Stephen Hawking jamais terminarão pois onde há ainda um fiapo de corpo humano não haverá poder algum e nisso ele, Stephen Hawking, foi precedido não só pelo maravilhoso Isaac Newton, mas já pelos padres da igreja que, ao escreverem imensos tomos teológicos, viam suas crises de fé aumentarem na mesma proporção em que escreviam. Mas esse ainda não é o momento adequado para acertar as contas com o pensamento científico: o pensamento científico é filho da inteligência e a estupidez da inteligência consiste no eterno adiamento da verdade e, por isso, logo que conversamos com o umbigo-do-físico e não com o intelecto-do-físico, percebemos que o intelecto-do-físico é apenas a pequena corda onde ele se dependurou a fim de construir perguntas potencialmente respondíveis e toda essa construção não é mais do que o testemunho e a reminiscência do instante fatal em que a criança assombrada, a criança no umbigo-do-físico, trocou o território aberto do arrebatamento pela proteção da província fechada do intelecto. E esse é propriamente o momento letal em que a criança se extravia na direção da argamassa-mundo, pois a verdade do intelecto enquanto verdade do que se conhece, e do que se calcula, contém uma antiverdade na medida em que a verdade como verdade é um arrebatamento incontrolável.

Mas eu ainda não sabia nada disso quando, com o rosto cheio de espinhas, voltava para São Paulo no interior do carro da figura-pai e, enquanto o carro deslizava pela estrada, eu olhava meu rosto na janela refletora do veículo, e eu contorcía esse mesmo rosto e eu fazia caretas e apalpava as espinhas e, ainda que eu estivesse situado no interior do carro da entidade-pai, era, na verdade, do exterior e de fora do carro que eu sentia e via tudo aquilo que estava se passando no interior do carro conduzido pela figura-pai. E mesmo que eu deitasse ou fechasse os olhos no interior do carro, era da margem e do canteiro da estrada, ali, onde sempre floresce a ramagem selvagem e de onde olham o mendigo e o cão agonizante, que eu persistia perguntando: "e o que é o carro? e para onde vai esse carro? e quem é o menino da espinha contorcendo o rosto? e, sobretudo, qual é o modo da vida no planeta onde o menino é obrigado a contorcer o rosto?" E essas perguntas, na condição de perguntas capitais e de perguntas contínuas, persistiram sempre e o tempo todo, e o tempo todo eu prossegui contorcendo o rosto e as palavras em todos os lugares, e em todos os lugares não houve lugar algum e não houve careta alguma que me convencesse, nem figura alguma que grudasse no rosto da dor e da pergunta e, ainda que eu tenha tentado o tempo todo e o tempo inteiro imitar aqueles que encontrei e dependurar-me alguma identidade a fim de conquistar cidadania no lado de dentro do mundo,

eu jamais alcancei cidadania no lado de dentro do mundo e isso durou até a idade de 34 anos, quando, finalmente, na noite do evento, do evento de doze dias atrás, quando, tendo entrado no meu quarto e tendo constatado que meu quarto era um quarto-estético e um quarto-apenas-para-ver-e-para-olhar, eu destruí, então, esse mesmo quarto, e eu o converti num quarto-para-escrever e num quarto onde eu pudesse escrever uma verdadeira filosofia da vida, uma filosofia que mostrasse cada palavra e cada conceito na experiência e no gesto que os geraram; então, nessa noite, enquanto noite-ápice do meu acontecer, tendo aberto um furo na parede do quarto e tendo visto a estrela pontiaguda dançar no abismo negro da noite, percebi, finalmente, que o caminho do mundo não era separável do caminho da morte, e que o abismo e a casa se pertenciam mutuamente num êxtase contínuo; então, nessa noite, fui visitado pela criança que fui e eu compreendi que a criança fascinada que fui manteve-se sempre hirta na abundância do pressentimento e que seu lugar tinha um nome e já não me custa dizê-lo: iminência do acontecimento. E, às vezes, quando a tensão do pressentido explodia, o corpo (imensamente solitário, imensamente autístico) era varrido pelo estremeamento. Sim! pois quem teria sido eu senão o teorema estranho e maravilhoso que me percorreu? Ao atravessar o longo canteiro de relva que dava para a praia, eu saltava os cacos brilhantes e punha os pés sobre as pedras escuras. Avistando o mar, compreendia que seria necessário cegar os meus olhos a fim de suportar a intensidade do idioma desconhecido. E foi na área concentrada do terrorismo da beleza que erigiu-se o meu primeiro rosto.